

13 MAI 2001

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Cada coisa em seu lugar

A tese de que estaria em marcha um grande acordo entre Antonio Carlos Magalhães, Jader Barbalho e Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de promover uma operação salva-vidas coletiva, peca por um detalhe: teria como único beneficiário o senador Antonio Carlos, cujo destino não interessa a nenhum dos outros dois personagens salvaguardar.

Não existissem outros motivos, bastaria a certeza de ambos de que, uma vez salvo e fortalecido, ACM voltaria à carga, e desta vez com disposição letal, contra os parceiros do acerto.

Mas digamos que a Fernando Henrique e Jader faltasse essa percepção e de repente se vissem, forçados pela vicissitude, francamente interessados em livrar o senador baiano da cassação do mandato ou mesmo da suspensão temporária das prerrogativas parlamentares, que, ao contrário das análises mais apressadas, já lhe quebra a espinha ao meio.

Ainda assim, os presidentes da República e do Senado não teriam como fazer tal acerto, porque as dinâmicas dos processos malsãos em que estão envolvidos são inteiramente diferentes. Raciocinar sobre a premissa falsa de que há realmente uma interligação de fatos – e não apenas uma impressão sobre a existência dessa interseção – leva necessariamente a conclusões equivocadas. Corre-se o risco de confundir os cenários e acabar, por ausência de discernimento, favorecendo a ação dos que jogam exatamente no embaralhamento das visões para escapar pela primeira brecha.

Cinco deputados do grupo de Antonio Carlos Magalhães retiraram as assinaturas do requerimento da CPI da Corrupção e, com isso, chegou-se à conclusão de que ACM estaria pagando adiantado pelos votos do PMDB, e quem sabe do PSDB, no Conselho de Ética a favor da absolvição de seus pecados.

Poderia fazer sentido, mas seria antes necessária a observância de alguns itens: primeiro, o das assinaturas carlistas terem sido determinantes para o fim da CPI. Não foram. Segundo, a garantia de que os pemedebistas e os tucanos estariam dispostos a atear fogo às vestes em praça pública, votando pela absolvição num caso em que o réu é confesso. Em terceiro lugar, fica faltando estabelecer o que Jader Barbalho levaria nesse acerto.

Sim, porque aceito o acordo, ACM teria imediatamente o seu caso arquivado ainda no Conselho. Mas Jader Barbalho permaneceria exatamente onde está: sendo alvo de acusações que estouram aqui e ali sem que haja um único instrumento pelo qual possam ser arquivadas em lugar algum. Arquiva-se a imprensa, o Ministério Público?

E ao governo por que interessaria trocar uma CPI por um Antonio Carlos revitalizado pela absolvição? Como o Planalto não precisou dos votos de ACM para se livrar da CPI, estaria pagando pelo que não consumiu.

A única força recíproca existente entre governo, ACM e Jader é a força de se levarem mutuamente para o fundo do poço. Aquele que tentar segurar o rojão do outro, explode junto. Separadamente já têm problemas suficientes para se envolverem na questão do outro.

Fernando Henrique precisa cuidar agora de salvar o que lhe restou de credibilidade junto à população, e a última forma de fazer isso é orientando aliados a bater de frente com a opinião pública. Jader Barbalho terá de responder às acusações – presentes e talvez futuras – com relação à Sudam e tratar de não deixar o PMDB cair na mão de Itamar Franco. Também não é processo que se resolva na base de acertos com ACM.

Sobra o caso do painel eletrônico de dinâmica inteiramente diversa da dos outros dois, também distintos entre si. Há um processo em curso com acusações postas, confissões feitas, foro determinado, agenda estipulada. Não existe – a não ser no reino da ficção e da fantasia das pessoas que consideram que o poder tem leis diferentes das leis da vida – nada neste mundo que seja capaz de apagar o que já aconteceu naquele episódio.

Seria raciocinar por absurdo completo imaginar que os senadores integrantes do Conselho de Ética tenham o poder de rebobinar a fita da História. E apenas nesta hipótese poderia prevalecer qualquer tipo de acordo com chance de sucesso. Mas ainda assim ficaria faltando a relação de causa e efeito que pudesse beneficiar Jader e FH.

Por qualquer ângulo que se olhe, a conta do acerto não fecha. A não ser artificialmente, pela resultante equivocada da soma das premissas erradas. ➤